



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Luciana Anjos Joaquim

Quero ser psicólogo/a clínico/a: Motivações e expetativas de estudantes universitários/as de Psicologia

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Dulce Pinto

E sob coorientação da

Professora Doutora Rita Conde

março 2023



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Luciana Anjos Joaquim

**Quero ser psicólogo/a clínico/a: Motivações e expetativas de estudantes
universitários/as de Psicologia**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do

Porto, no dia 09/03/2023, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Cátia Oliveira

Arguente: Prof.^a Doutora Célia Oliveira

Orientadora: Prof.^a Doutora Dulce Pinto

março 2023

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeito de investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Quero deixar o meu agradecimento a todos/as os/as professores e outros/as profissionais que estiveram envolvidos no decorrer do meu percurso académico e na minha dissertação e em especial à Prof.^a Dulce Pinto e à Prof.^a Rita Conde. Sou-lhes muito grata por todo o apoio e paciência que tiveram comigo. Ao longo do desenvolvimento da dissertação, estiveram sempre disponíveis respondendo a todas as minhas questões e ajudaram em toda a sua construção. Também agradeço a todos/as os/as professores que me forneceram sempre imensos conhecimentos e materiais e ajudaram-me sempre que precisei. Por fim, agradeço a todos/as os/as meus/minhas participantes, familiares, namorado e amigas/os, que foram incansáveis e me ajudaram em tudo o que lhes foi possível, dando-me sempre muita motivação para concluir este grande objetivo na minha vida, que é finalizar o Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde para depois poder entrar no mercado de trabalho.

Resumo

Enquadramento: A literatura tem indicado que as motivações e as expetativas de os/as futuros/as profissionais de psicologia e dos próprios/as psicólogos/as podem influenciar a sua prática profissional. Ao nível internacional, verifica-se um foco crescente da investigação nas motivações e expetativas subjacentes à escolha da psicologia clínica e, especificamente, da prática psicoterapêutica/clínica.

Objetivo: O presente estudo visa compreender as motivações e expetativas de estudantes universitários/as portugueses, subjacentes à escolha da psicologia clínica.

Método: Administrou-se uma entrevista semiestruturada a 12 estudantes da Licenciatura de psicologia, desenvolvida especificamente para o presente estudo. As entrevistas foram transcritas na íntegra. Os dados foram analisados utilizando a análise temática e com recurso ao *Nvivo 10*.

Resultados: Os resultados indicam que as expetativas são o tema mais predominante no relato de estudantes, onde referem as expetativas de como serão enquanto psicólogos/as clínicos/as, como o facto de terem o propósito de quererem ajudar as pessoas e idealizarem darem o mais possível de si, como futuros/as profissionais. Relativamente aos contextos profissionais em que pretendem trabalhar (segundo subtema mais referenciado), referiram o contexto hospitalar e as clínicas. No que concerne às motivações que mais influenciaram os/as estudantes a seguirem a psicologia clínica, destacam-se as suas experiências prévias, principalmente as relacionadas com algum processo terapêutico prévio, bem como a perceção de que têm características pessoais adequadas (competências relacionais- empatia e força de vontade) para o exercício da psicologia clínica.

Discussão: As motivações e expetativas de estudantes universitários/as dependem muito das suas vivências, tanto pessoais, como familiares e escolares. Concluímos que a maioria das expetativas de os/as estudantes que queiram seguir a clínica, são realistas e informadas, quando analisados os estudos. Nomeadamente, procuraram informação junto dos/as seus/suas professores/as ou psicólogos/as (e.g., práticas terapêuticas que podem adotar). Para além disso, as experiências prévias, as características pessoais adequadas para a prática clínica e o círculo social, são fatores de motivação para os/as estudantes escolherem a psicologia clínica.

Palavras-chave: motivações, expectativas, estudantes de psicologia, psicologia clínica, análise temática.

Abstract

Contextualization: The scientific opinion has been saying that the motivations and expectations of future psychologists and already-in-functions psychologists may influence their practice. Internationally, the investigations regarding the motivations and expectations leading to the choice of clinical psychology and specifically the practice of psychotherapy are increasing.

Objective: The present study aims to understand the motivations and expectations of Portuguese college students regarding their choice of clinical psychology.

Method: Was made a semi-structural interview to 12 undergraduate students in Psychology, which was made for this study. The interviews were transcribed, and the data was analyzed according to the thematic analysis approach and with the use of the Software *Nvivo 10*.

Results: The results reveal that the expectations are the leading topic of the answers of the students. They refer their expectations on how they are going to be as clinical psychologists; the fact that they want to help people while they idealize the better version of themselves, in their future profession. Regarding the place where the students intend to work in the future, second most common topic, they mention hospital environment and clinic. On the subject about the motivations of their choice of following clinical psychologist, appear their previous experiences, especially when related with an old therapy procedure, as well as the perception that they have of themselves and how their characteristics could help to the good practice of their future vocation.

Discussion: The motivations and expectations of the students do depend of their previous experiences, both family or school related. We concluded that most of the expectations of the students are well-informed and realistic, when compared to the studies. They seek information with their teachers or psychologists over the best therapy to adopt. Furthermore, the previous experiences, good personal characteristics for social and practice in the clinic are factors of motivation to these students, that choose clinical psychology.

Keywords: motivations, expectations, psychology students, clinical psychology, thematic analyses.

Índice

1. Revisão da literatura.....	8
<i>O papel das motivações e das expectativas na escolha profissional</i>	<i>8</i>
<i>Motivações subjacentes à escolha do exercício da psicologia clínica/psicoterapia¹</i>	<i>9</i>
<i>Expectativas face à prática da psicologia clínica/psicoterapia</i>	<i>10</i>
<i>Orientação teórica que os/as estudantes pretendem seguir, na prática da psicologia clínica/psicoterapia.....</i>	<i>12</i>
<i>Pertinência do presente estudo.....</i>	<i>13</i>
2. Objetivo e questões de investigação.....	13
3. Método	14
3.1 Amostra/participantes	14
3.2 Instrumentos de recolha de dados.....	14
3.3 Procedimentos de recolha de dados.....	15
3.4 Estratégia de análise de dados	16
3.5 Considerações éticas	17
4. Resultados.....	18
5. Discussão.....	27
6. Conclusão e considerações finais.....	33
7. Referências bibliográficas	36
Anexos	41
Termo de Consentimento Informado	42
Questionário Sociodemográfico.....	43
Guião de Entrevista.....	45
Tabela 1. Caracterização dos/as participantes	50

Índice de figuras

Figura 1. Mapa temático acerca dos “Motivos para seguir a psicologia clínica”	19
Figura 2. Mapa temático acerca das “Expetativas profissionais e pessoais acerca da profissão como psicólogo/a clínico/a”	22

1. Revisão da literatura

O papel das motivações e das expectativas na escolha profissional

A nível geral, o interesse da investigação acerca da escolha de uma profissão, segundo Schein (1978) e Rønnestad et al. (2018), tende a manter-se estável ao longo do tempo. A par disto, este tema é alvo de estudos, para entender-se a escolha de uma profissão é influenciada pelo contexto, ou seja, família, amigos/as, pessoas de referência, cultura, religião e etnia (Schein, 1978). Este tema é importante, porque a literatura indica que tanto as motivações, como as expectativas dos/as futuros/as profissionais de psicologia (Caputo et al., 2021; Farber et al., 2005; Rønnestad et al., 2018) ou dos/as psicólogos/as, já em exercício das suas funções, podem influenciar a sua prática profissional (Lebiger-Vogel, 2016; McBeath, 2019; Safi et al., 2016). Por motivações, entendam-se os esquemas cognitivos e padrões comportamentais que são orientados para necessidades e objetivos pessoais (Izard, 1993), já por expectativas entendam-se as previsões de como os acontecimentos irão decorrer no futuro, ou como desejam que seja o futuro (Rønnestad et al., 2018; Rubin et al., 1998).

As motivações e expectativas pessoais e profissionais integram o conceito de identidade profissional, permitindo, assim, quando analisadas, desvendar o porquê de as pessoas escolherem determinada profissão (Schein, 1978). Para além disso, a exploração das motivações e expectativas promove a reflexão, por parte dos/as estudantes ou/e profissionais, sobre aquilo que querem para si próprios/as na sua (futura) profissão. A acrescentar a isto, potencia a recordação do que os/as levou a escolhê-la, em momentos em que já no exercício da mesma, se sintam menos motivados/as, facilitando, assim, a renovação das suas motivações para o trabalho (Farber et al., 2005).

Em fases posteriores da formação, como o mestrado (2º Ciclo), as motivações dos/as estudantes podem influenciar o seu agrado face à futura profissão (Lebiger-Vogel, 2016; McBeath, 2019). Segundo Duffy e Raque-Bogdan (2010), os/as estudantes com maior êxito e capacidade de adaptação, tendem a ter motivações e expectativas mais positivas e autoconfiantes acerca do seu futuro profissional. Por outro lado, segundo Elliott e Guy (1993), os/as estudantes que tiveram de lidar com aspetos mais negativos nas suas vidas, tendem a ter mais empatia e maior consciência do que estes eventos acarretam a nível psicológico, quando confrontados/as com os problemas dos/as seus/suas clientes.

Motivações subjacentes à escolha do exercício da psicologia clínica/psicoterapia¹

No âmbito das motivações, existem estudos que procuram explorar as motivações que levaram os/as estudantes a escolher o curso e a instituição de ensino (e.g., Caputo et al., 2021; Safi et al., 2016). Segundo Caputo et al. (2021) e Safi et al. (2016), o prestígio da universidade e do corpo docente, a qualidade do ensino e as disciplinas que constituem o curso, são as motivações mais indicadas pelos/as estudantes ou/e psicólogos/as, já no exercício das suas funções, relativamente à escolha da universidade. Por seu turno, os custos e a proximidade e/ou distância da universidade são menos consensuais, sendo indicados por alguns/algumas estudantes como tendo influenciado a escolha da instituição de ensino, mas para outros/as não se revelaram fatores importantes na sua escolha (Caputo et al., 2021; Safi et al., 2016). Relativamente à escolha do curso, os/as estudantes tendem a obter mais informações na internet ou a auscultar estudantes que frequentaram/frequentam o curso de psicologia (Caputo et al., 2021; Lebigier-Vogel, 2016).

De acordo com a literatura (e.g., Barnett, 2007; Hill et al., 2013; Messina et al., 2018; Murphy & Halgin, 1995; Safi et al., 2017), uma das principais motivações que os/as estudantes que terminaram o curso de psicologia e os/as estagiários/as relatam acerca da sua escolha formativa no domínio da psicoterapia, tem a ver com a sua adoração e satisfação pessoal em poder ajudar o/a próximo/a na diminuição do seu sofrimento. Esta profissão tende a ser escolhida por proporcionar uma certa liberdade profissional, dada a perceção de que os/as psicólogos/as podem definir os seus horários de trabalho, trabalhar em vários contextos de atuação, bem como decidir que tratamentos cientificamente validados podem adotar para os/as seus/suas diferentes clientes (Norcross & Farber, 2005; Rogers, 1961). Alguns/algumas autores/as indicam também que os/as estudantes consideram os/as professores/as ou psicólogos/as como figuras de referência (Plchová et al., 2016), constituindo um modelo daquilo do que gostariam de ser no futuro, por entenderem que são pessoas inteligentes e realizadas a nível profissional (Hill et al., 2013). Para além disto, alguns/algumas estudantes ou/e profissionais já no ativo, sofrem igualmente a influência e

¹ A maioria dos artigos do presente estudo, focam na terminologia da psicoterapia, sendo menos comum o uso do termo psicologia clínica. E isto é explicado, porque na cultura anglo-saxónica, nomeadamente nos Estados Unidos, houve um enorme debate e controvérsia sobre o que é um/uma psicólogo/a clínico/a e um/a psicoterapeuta, delegando-se o tratamento/intervenção para a psiquiatria. No entanto, na sequência da necessidade de intervenção durante e após a II Guerra Mundial, os/as psicólogos/as foram ganhando terreno no âmbito da intervenção, tornando-se a psicoterapia parte dos programas de formação dos/as psicólogos/as e parte integrante da atividade do/a psicólogo/a clínico/a. Posto isto, iremos usar ambos os termos como sinónimos (Benjamin, 2005).

apoio de pessoas importantes (e.g., de professores/as e psicólogos/as), no que diz respeito à sua escolha profissional (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013).

Outra motivação indicada pela investigação tem a ver com as experiências prévias dos/as estudantes (e.g., Hill et al., 2013), tanto positivas como negativas. Assim, verifica-se que alguns/algumas referem o facto de terem passado por um processo terapêutico/acompanhamento psicológico com resultados positivos, como um fator de motivação para poderem, no futuro, proporcionar o mesmo aos/às seus/suas clientes. Outros/as referem, ainda, ter optado por esta profissão por terem testemunhado progressos significativos decorrentes da psicoterapia em pessoas próximas (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013). No entanto, verifica-se que a motivação para a prática da psicologia clínica/psicoterapia, pode derivar também de experiências negativas: alguns/algumas estudantes vivenciaram processos terapêuticos com poucos resultados e outros/as estiveram próximos/as de alguém, onde a terapia não foi eficaz, pelo que optaram por prosseguir com a formação em psicoterapia para poderem proporcionar um melhor acompanhamento aos/às seus/suas clientes (Hill et al., 2013).

Expetativas face à prática da psicologia clínica/psicoterapia

Além das motivações, a literatura tem indicado também a importância das expetativas pessoais e profissionais, face à atividade de psicólogo/a clínico(a)/psicoterapeuta na escolha desta profissão. Duffy e Raque-Bogdan (2010) e Hill et al. (2013) revelaram que os/as futuros/as profissionais tendem a orientar-se por um grande interesse intelectual pela psicologia, pelo desejo de entenderem o/a outro/a e a si mesmos/as, bem como, por ajudarem-se a si próprios/as a ultrapassarem situações anteriores difíceis. Muitas vezes, tornam-se “curadores/as feridos/as”, dado que, através do seu próprio sofrimento, tornam-se mais conscientes de realidades difíceis, esperando que tal facilite a sua prática clínica (Elliott & Guy, 1993; Farber et al., 2005; McBeath, 2019).

Alguns/algumas autores/as indicam que muitos/as estudantes ou psicólogos/as tiveram de lidar, na própria infância, com dinâmicas familiares problemáticas ou com algum/alguma familiar com psicopatologia, o que gerou, muitas vezes, sentimentos de solidão, tristeza e mágoa. Assim, decidem seguir a área da psicologia clínica/psicoterapia como forma de ultrapassarem algumas dificuldades pessoais ou experiências difíceis (Merodoulaki, 1994; Messina et al., 2018). Face a isto, têm a expetativa de criar com os/as seus/suas (futuros/as)

clientes uma conexão que não conseguiram obter com outros/as significativos/as, bem como, validarem-se pessoalmente como pessoas capazes de estabelecerem boas relações interpessoais (Farber et al., 2005; Plchová et al., 2016; Rek et al., 2018). A acrescentar a isto, ainda, verifica-se a intenção de seguirem a psicologia clínica e de exercerem esta profissão, pelo facto de as suas famílias os caracterizarem, desde sempre, como “ajudantes natos”, acabando por procurar corroborar essas expectativas e, assim, assumirem o papel que sempre lhes foi atribuído (Farber et al., 2005; Merodoulaki, 1994). Por outro lado, Dlugos e Friedlander (2001) relataram que estudantes que estão no mestrado e que tenham tido uma vida estável, conseguem estabelecer limites entre a sua vida pessoal e profissional de forma mais eficaz, com abertura e adaptação suficiente. Para além disso, referem sentir-se pessoas com sorte e, por isso, pretendem, com a sua futura profissão, retribuir o que receberam de positivo ao longo das suas vidas (Dlugos & Friedlander, 2001).

Com frequência, os/as psicoterapeutas têm a expectativa de continuar o seu percurso académico, ou de se manterem em constante atualização científica, para aprimorarem a sua prática clínica, com vista a alcançarem uma boa posição profissional e para atuarem com uma postura responsável com os/as seus/suas clientes (Carlsson et al., 2011; Hill et al., 2013). Assim, acreditam ter maior possibilidade de aprenderem novas técnicas para ajudarem os/as seus/suas clientes a autodesenvolverem-se de forma mais eficiente, no contexto do próprio processo terapêutico (Hill et al., 2013; Murphy & Halgin, 1995; Norcross & Farber, 2005).

Ainda, no que diz respeito à prática profissional da psicologia clínica, as expectativas dos/as estudantes são de que a psicologia lhes irá proporcionar um sentido de vida e que esperam encarar a sua futura profissão, não apenas como um emprego, mas sim como uma vocação (Duffy & Raque-Bogdan, 2010; Messina et al., 2018; Safi et al., 2017). Muitos/as deles/as, ambicionam utilizar as suas características internas, que consideram ser potencialmente facilitadoras da prática clínica, como a responsabilidade, a honestidade, a confiança, o respeito, a escuta ativa, mente aberta e a empatia, que também surgem como motivo para a escolha da psicologia clínica (Hill et al., 2013; McBeath, 2019). Por exemplo, o estudo de Messina et al. (2018) indica que 42,96% dos/as participantes revelaram escolher a profissão de psicoterapeuta, por acharem ter características adequadas (e.g., por serem empáticos/as e ponderados/as). Contrariamente, quando se percebem como autocríticos/as, frágeis e/ou nervosos/as, possuem características que dificultam a prática profissional (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013; Rogers, 1961).

Quando se abordam as expectativas, verificam-se algumas preocupações face ao futuro profissional. Neste âmbito, os/as estudantes revelaram preocupações como: o facto de poderem ser mal pagos/as na sua futura profissão, terem dificuldade em encontrar emprego, especificamente na área que desejam, de não conseguirem lidar com momentos mais tensos em consulta e, ainda, de não conseguirem gerir adequadamente o stresse, que a profissão pode acarretar a nível pessoal (Nikendei et al., 2018). Apresentam, também, a preocupação de ficarem muito envolvidos/as a nível emocional, em alguns casos, e também referem a preocupação de poderem não conseguir obter resultados eficazes, com os/as futuros/as clientes (Hill et al., 2013).

Orientação teórica que os/as estudantes pretendem seguir, na prática da psicologia clínica/psicoterapia

No que tange à escolha da orientação teórica, esta também surge como uma motivação para a escolha das Universidades e, normalmente, os/as estudantes em fases posteriores de formação e alguns/algumas psicólogos/as já no ativo, relataram que têm a expectativa de escolherem a teoria que mais tem a ver com as suas características pessoais. A par disto, entendemos que estudantes que idealizem seguir alguma orientação teórica, não quer dizer que necessariamente já tenham a decisão tomada (Strauß & Kohl, 2009). Para além disso, tendem a ter a motivação ou expectativa de escolherem a teoria lecionada na universidade que frequentam ou frequentaram, e/ou aquela em que mais acreditam, do ponto de vista dos métodos específicos de tratamento (Strauß & Kohl, 2009). A maioria dos/as estudantes, referem ter optado pela terapia cognitivo-comportamental (TCC), por ter resultados eficazes (Lebiger-Vogel, 2016; Nikendei et al., 2018; Safi et al., 2016). Outro dos fatores, que os/as conduziram à escolha da TCC, tem a ver com o facto de ser uma teoria que acompanha a evolução da sociedade, por também poder trazer-lhes estatuto profissional na comunidade científica e desenvolvimento na carreira (Carlsson et al., 2011).

Não obstante, os/as estudantes e/ou profissionais já no ativo que preferem a TCC, assumem que não devem apenas aplicar os seus métodos na prática clínica, dado que existem práticas nas outras teorias que se demonstram mais eficazes com certos/as clientes (Lebiger-Vogel, 2016; Safi et al., 2016). Posto isto, parece ser de extrema importância que, ao longo do percurso académico dos/as estudantes, sejam abordadas as diferentes teorias, para que sejam devidamente sensibilizados/as para as suas especificidades e sejam mais capazes de escolher a própria orientação teórica (Strauß & Kohl, 2009).

Pertinência do presente estudo

Da análise da literatura, verifica-se ainda, que existem vários estudos qualitativos relevantes sobre as motivações e expetativas, mas a sua maioria é desenvolvida com psicólogos/as no ativo (McBeath, 2019; Messina et al., 2018; Nikendei et al., 2018; Safi et al., 2016), sendo em menor número os estudos desenvolvidos com estudantes (Caputo et al., 2021; Hill et al., 2013; Lebiger-Vogel, 2016).

Assim, a nível internacional, não existem estudos que abordem a prática da psicologia clínica de uma forma mais abrangente e tendem a limitar a psicologia clínica à psicoterapia (Caputo et al., 2021; Nikendei et al., 2018; Rønnestad et al., 2018). A nível nacional, a escassez de estudos sobre as motivações e expetativas dos/as estudantes face à área da psicologia e, especificamente, à psicologia clínica, é significativa. Para colmatar estas lacunas, o presente estudo procura identificar e compreender as motivações e expetativas dos/as estudantes universitários/as de psicologia, do 2.º e 3.º anos do 1.º ciclo, que desejam seguir a profissão de psicólogos/as clínicos/as, no seu sentido mais abrangente, ou seja, não a limitando à psicoterapia.

2. Objetivo e questões de investigação

No seguimento da revisão da literatura apresentada, formulamos a seguinte questão geral de investigação: “Quais são as motivações e expetativas, pessoais e profissionais, que levam os/as estudantes universitários/as do 1.º ciclo em psicologia a desejarem ser psicólogos/as clínicos/as no futuro?”.

Partindo da questão geral de investigação acima descrita, formulámos as seguintes questões de investigação específicas:

- 1) Quais as motivações profissionais e pessoais que influenciam os/as estudantes de psicologia a desejarem ser psicólogos/as clínicos/as?
- 2) Quais são as expetativas profissionais e pessoais de estudantes de psicologia relativamente à prática clínica?

3. Método

3.1 Amostra/participantes

O presente estudo integrou 12 participantes, selecionados/as com os seguintes critérios de inclusão: 1) ser estudante universitário/a do 2º ou do 3º ano da Licenciatura em Psicologia ou equiparado; 2) pretender avançar na formação em Psicologia Clínica, por via do Mestrado ou equiparado; 3) pretender exercer a profissão de psicólogo/a na área clínica no futuro. Foram apenas considerados/as estudantes que residem em Portugal.

A recolha de dados foi feita de acordo com a metodologia qualitativa, através da – análise temática. (Braun & Clarke, 2006). Para isso, foi estipulado a utilização de apenas 12 participantes, tal como foi conseguido no presente estudo, sendo o número indicado para obter-se a saturação teórica (Ando et al., 2014; Sim et al., 2018).

As entrevistas foram realizadas com 12 participantes, sendo 10 do género feminino e 2 do género masculino, com idades compreendidas entre os 19-24 anos, com $M = 21,67$; $DP = 1,72$. Dez dos/as participantes têm nacionalidade portuguesa e dois têm nacionalidade brasileira. Cinco estudantes são do norte de Portugal, três são naturais da região autónoma dos Açores, um/uma estudante era do centro, outro/a era do sul e por fim, dois/duas estudantes eram do Brasil, mas residem em Portugal atualmente. Esta informação foi revelada, no sentido de entender-se que os/as participantes não se concentram na mesma localização geográfica e foi importante para se perceber que certas motivações e expetativas diferem mediante a localização de os/as participantes.

Nove dos/as participantes frequentam o último ano da Licenciatura (3º ano) e três participantes frequentam o penúltimo ano da Licenciatura (2º ano) (cf. Anexo-4: Tabela 1. da caracterização dos/as participantes). A validação da análise de dados foi realizada por uma colega do meu grupo de dissertação/investigação, a aluna tem 24 anos e frequenta o último ano do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Lusófona do Porto.

3.2 Instrumentos de recolha de dados

No presente estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico (cf. Anexo-2) e uma entrevista semiestruturada (cf. Anexo-3):

- 1) O questionário sociodemográfico (cf. Anexo-2), recolheu informações sobre a caracterização dos/as participantes, como a idade, a data de nascimento, o género, o estado civil, a nacionalidade, a residência, informações de base sobre o agregado familiar, habilitações literárias e outros dados relativos ao percurso académico, entre outros dados relevantes;
- 2) A entrevista semiestruturada (cf. Anexo-3) foi desenvolvida para o efeito do presente estudo. Relativamente ao guião da entrevista e no que concerne ao Grupo 1 e 2 da entrevista, os mesmos não foram utilizados no presente estudo, devido a focarem-se mais na motivação e expectativas acerca do curso de Psicologia de forma abrangente. Relativamente ao Grupo 3, incluiu questões abertas sobre as motivações, que contém questões como: Quando se lembra de ter escolhido pela primeira vez o curso de Psicologia Clínica? O que motivou essa escolha? Também questões como: de que forma o contexto (acontecimentos/experiências de vida, círculo social, processo terapêutico influenciou a escolha da psicologia clínica)? Ou de que forma as características pessoais influenciaram a escolha da futura profissão? Relativamente ao Grupo 4, aborda questões acerca das expectativas de estudantes acerca do futuro profissional em relação à Psicologia Clínica (contexto ou população em que e com que querem trabalhar, orientação teórica que querem seguir, condições de trabalho e de vida que esperam vir a ter, obstáculos que esperam enfrentar na futura profissão e como esperam vir a ultrapassar esses obstáculos e que tipo de psicólogo/a esperam vir a ser). Por fim, foram feitas as questões finais, onde tinham de responder a questões como: De que forma resumiriam a experiência académica ao longo do curso de Psicologia? Que conselhos dariam a estudantes que estivessem a iniciar o percurso académico em Psicologia? Como acham que será o seu futuro profissional ou pessoal, de um modo geral.

3.3 Procedimentos de recolha de dados

Este Projeto de Dissertação foi atempadamente submetido à consideração da Comissão de Ética e Deontologia para Investigação Científica da Universidade Lusófona do Porto e, depois de aprovado, começamos a recolha de dados. Primeiramente, o critério de inclusão foi serem alunos/as que estivessem no 3ºano. Dada a falta de interessados/as, foi aumentado o foco de pesquisa, para alunos/as do 2º ano da Licenciatura de psicologia e que fossem

seguir a psicologia clínica. De seguida, foi pedida autorização para me deslocar a uma aula da Licenciatura de Psicologia do 3º ano da Universidade Lusófona do Porto para convidar os/as alunos/as a participar no estudo. Posteriormente, foram enviadas mensagens privadas aos núcleos de estudantes de outras universidades, de forma a conseguir atingir os/as 12 participantes e os/as mesmos/as enviaram o nome e os *emails* dos/as alunos/as interessados/as. Em seguida, foram enviadas as informações para os/as estudantes, acerca do estudo, via *e-mail* e posteriormente agendou-se a entrevista, via *Zoom*.

Antes da realização da entrevista, foi fornecido o consentimento informado, via *e-mail*, e o mesmo foi assinado e enviado antes da realização da entrevista. Posteriormente, foi preenchido o questionário sociodemográfico, juntamente com o/a estudante, antes da realização da entrevista.

De seguida, foi aplicada a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas em vídeo e em áudio e realizadas via *online*, dada a preferência dos/as alunos/as e devido às circunstâncias pandémicas.

De seguida, as entrevistas foram transcritas com o recurso a um computador e à gravação das mesmas. Por fim, procedemos à análise dos dados (ver secção abaixo) (Vala, 1986).

3.4 Estratégia de análise de dados

A análise de dados seguiu os pressupostos da análise temática de Braun e Clarke (2006), adotando-se o procedimento de codificação indutiva, onde os temas/categorias surgem dos dados e estão fortemente interligados com os mesmos. O estudo assenta na perspetiva do construcionismo social, ou seja, o estudo pretende entender as motivações e expectativas de estudantes universitários/as em seguirem a psicologia clínica, sendo isto resultado da construção pessoal sobre a profissão, das suas relações sociais, históricas e culturais (Gergen, 1994). E a análise dos dados foi realizada no *Software NVivo 10* (QSR International Pty Ltd, 2020).

Especificamente, a análise temática realizada contemplou 6 fases: 1) o passo da familiarização com os dados; 2) a codificação inicial; 3) os dados foram codificados em possíveis temas gerais; 4) de seguida foi feita a revisão destes temas, categorias e códigos, de acordo com os dados do estudo; 5) posteriormente, foi identificado o sentido e o significado de cada um dos temas, e de seguida foram definidos os temas globais; 6), por último, foi realizada a redação dos resultados e a respetiva discussão (Braun & Clarke, 2006).

As entrevistas foram transcritas na íntegra. Antes da realização dos resultados foi realizada a validação da análise de dados através da análise inter-juízes, onde se realizou a co-codificação de 20% das entrevistas, aleatoriamente escolhidas. O nível de concordância foi obtido através da fórmula de Vala (1986), onde se dividiu o número de acordos obtido pela codificação inicial e co-codificação, pelo total de categorizações realizadas por cada uma, obtendo-se o valor de 85,2%, sendo considerado um valor adequado (Vala, 1986).

3.5 Considerações éticas

Este Projeto de Dissertação foi atempadamente submetido à consideração da Comissão de Ética da Universidade. A participação no estudo implicou o fornecimento do consentimento informado, de forma voluntária e informada por parte dos/as estudantes. Nele constaram todas as informações relevantes sobre como iria decorrer a investigação, desde os seus possíveis riscos e/ou benefícios até às condições de participação e à possibilidade de recusa e/ou desistência da mesma a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para os participantes. Não existiram quaisquer danos decorrentes da participação no estudo, assim como não houve lugar a qualquer tipo de recompensa remuneratória ou outra.

Dada a necessidade de gravação das entrevistas que foram realizadas, foi assegurado que as mesmas fossem protegidas por palavra-passe e gravadas num disco externo seguro, de conhecimento e acesso exclusivo da investigadora e docente responsável. Na realização da transcrição e análise de dados foram atribuídos códigos alfanuméricos para identificar os/as participantes, em vez dos seus nomes, para assegurar a preservação da confidencialidade e a proteção dos seus dados. Após a realização do presente estudo, todos os dados dele decorrentes serão destruídos, num período máximo de 5 anos. Os principais resultados e conclusões irão ser informados à comunidade no geral, bem como à comunidade científica de forma verdadeira, sem distorções de dados. Por fim, os resultados e conclusões serão guardados com todas as normas de proteção, para posteriormente poderem ser utilizados para fins educativos, assegurado o devido consentimento prévio dos participantes (OPP, 2016).

4. Resultados

Da análise dos dados, identificaram-se 2 principais temas - (i) Motivos para seguir a psicologia clínica e (ii) Expetativas profissionais e pessoais, acerca da profissão de psicólogo/a clínico/a – que permitem dar resposta às questões de investigação formuladas.

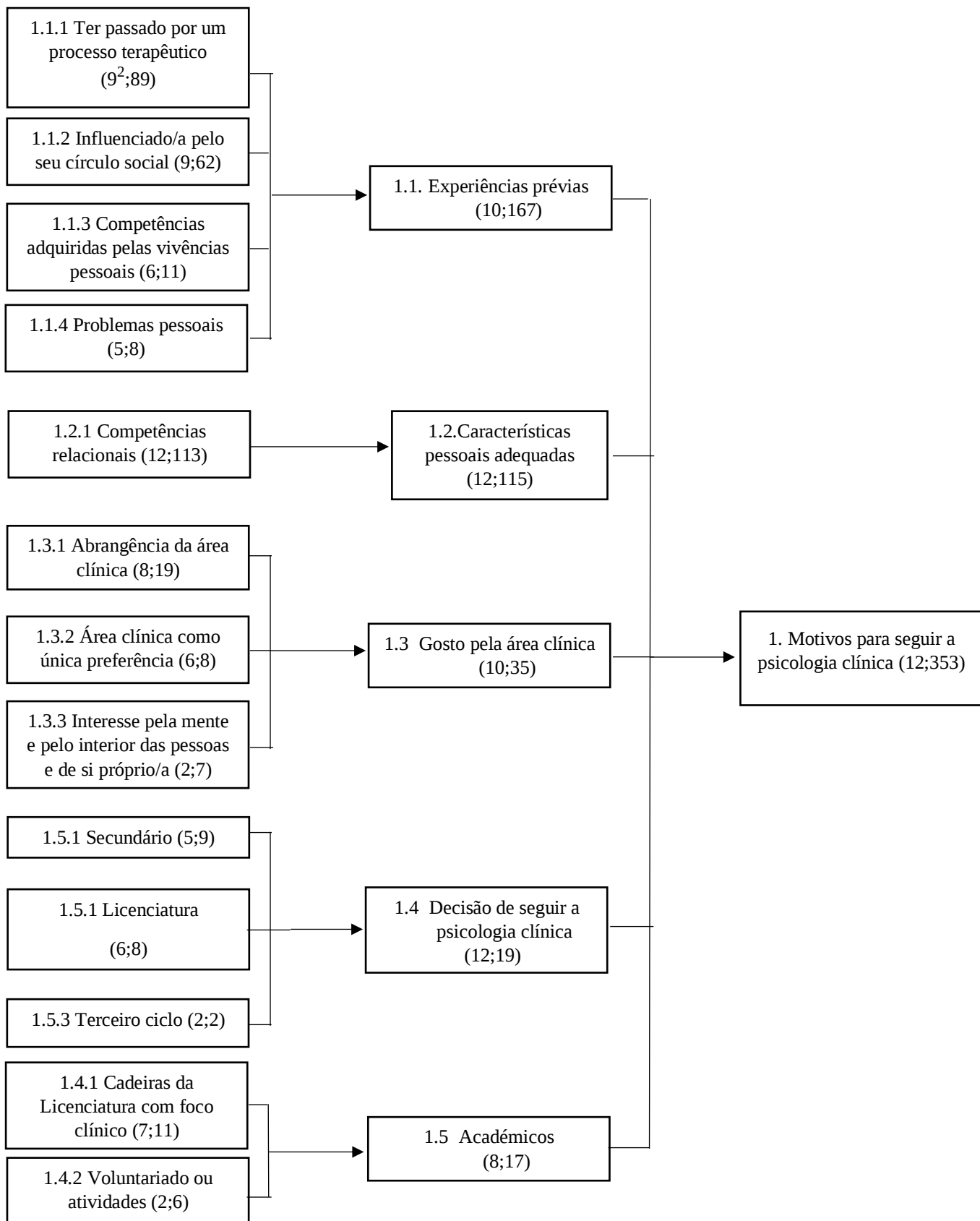


Figura 1. Mapa temático acerca dos “Motivos para seguir a psicologia clínica”.

² Os valores entre parênteses são referentes ao número de participantes e ao número de referências, respetivamente. Nestas categorias representadas na Figura.1 (e em seguida na Figura. 2), não estão detalhadas categorias de 4º categoria, dada a sua extensão, face a isto estarão descritas de seguida, na redação dos resultados.

4.1 Quais as motivações profissionais e pessoais que influenciaram os/as estudantes de psicologia a seguirem a psicologia clínica?

Como já foi referido, os motivos para a escolha da psicologia clínica foi um dos principais temas identificados, integrando 5 subtemas – experiências prévias, características pessoais adequadas, gosto pela área clínica, o momento da tomada de decisão pela psicologia clínica e motivos/influências académicas (cf. Figura 1).

No âmbito das experiências prévias, a maioria de os/as estudantes indicou o facto de ter **experienciado um processo terapêutico** (9;89) e tanto nos casos de que se tratou de um *processo terapêutico positivo* (7;45) [P-7 “ela escutava e ela queria entender a minha experiência..., eu sentia empatia da parte dela, então eu acho que esses fatores influenciaram-me a escolher a psicologia clínica.”] outra das referências foi de que, [P-11 “a minha psicóloga está constantemente a dar feedback positivo e eu sinto que o foco está sempre em mim, ou seja no doente... e eu quero utilizar essas estratégias no futuro...”], ou quando o *processo terapêutico foi negativo* (2;6) [P-2 “... principalmente por ter tido uma experiência bastante negativa com um psicólogo... e perceber que não queria ser assim, queria fazer algo diferente].

No que se refere a **influências do círculo social**, referem ter sido influenciados/as *pelos/as seus/suas familiares* (7;29) [P-7 “... a minha prima é psicóloga e eu vi a profissional que ela se tornou e eu identificava-me com o jeito dela... e então eu queria ter algumas das características profissionais que ela tem... mas eu acho que indiretamente, ela me ajudou a tomar esta decisão...”].

Outro dos motivos foi o facto de *pessoas próximas ou pares* (5;21) incentivarem a escolha, [P-6 “... o facto de eles me escolherem sempre a mim para os ouvir, acabou por também me influenciar...”]. Também pelo facto de terem “ajudado pessoas próximas a si, com vivências difíceis ou com perturbações psicológicas” [P-10 quando eu contava ao meu psicólogo, que ajudava pessoas com depressão e até com pensamentos suicidas... e já que eu considero que ele é uma das pessoas que mais me conhece, ele numa das sessões disse-me que eu tinha de seguir a psicologia clínica, por tudo o que eu sou...”] (4;12).

Surgem, também, como motivos da escolha da psicologia clínica, as *competências adquiridas pelas vivências pessoais* (6;11), tendo eles/elas passado por “vivências negativas” (3;6) [P-2 “... por ter passado por tantas vivências complicadas, acho que também vou conseguir ser mais empática, por conseguir perceber melhor o que a pessoa está a

passar”], como também por “vivências positivas” (4;4) [P-8 “por ter tido uma boa infância, acho que vou conseguir ajudar as pessoas a superar momentos negativos]. Por fim, alguns/algumas alunos/as passaram por *problemas pessoais*, que reforçam a importância da área clínica (5;8) (P-2 “Na adolescência estive internada na pedopsiquiatria e foi uma fase que teve um grande impacto na minha vida... e foi a partir daí que... eu aceitei o que tinha acontecido e a clínica foi uma porta que se abriu para o meu futuro”).

Outra influência bastante referenciada, foram as **características pessoais adequadas** (12;115), pois muitos de os/as estudantes, referem ter várias *competências relacionais* (12;113), [P-4 “Porque eu realmente gosto de escutar as pessoas, ouvir o que elas tem para dizer”], como a “empatia” (9;26) [P-7 “... entender o que as pessoas estão falando e tentar colocar-me no lugar delas...”]. Alguns/algumas também nomeiam o facto de terem “força de vontade” (2;13) [P-3 “...os meus pensamentos negativos em relação ao futuro, eu tento converter isso em pensamentos positivos e na minha força de vontade, para trabalhar na psicologia clínica].

Para além disso, alguns/algumas estudantes revelaram que “a área clínica se adequa a si e à sua personalidade” (4;6), [P-6 “...sempre gostei muito de ajudar os outros, ... sempre fui boa ouvinte e acho que isso sempre foram traços da minha personalidade”]. E também por alguns/algumas de os/as estudantes considerarem ter “competências de comunicação” (2;4), [P-1 “tenho uma maneira extrovertida de comunicar com as pessoas, uso muito os gestos... e isso pode ser bom, com um certo tipo de clientes, pois posso conseguir quebrar o gelo, através da minha interação com o cliente”].

Posteriormente, alguns/algumas estudantes referiram o **gosto pela área clínica** (10;35), devido a considerarem *a abrangência da área clínica* como uma possibilidade de obterem mais oportunidades de trabalho (8;19), [P-12 “não gosto de estar a trabalhar sempre na mesma coisa e o facto de a psicologia clínica me permitir fazer sempre coisas novas, faz com que a escolha”]. Alguns/algumas estudantes referem que a área clínica será “a sua única preferência na escolha do Mestrado” (6;8), [P-11 “eu por acaso, antes de entrar no curso, já pensava nisso e agora que estou quase a acabar a Licenciatura, não me imagino a intervir noutra área”]. E, por fim, também referiram que são guiados/as “por um interesse pela mente ou interior das pessoas e de si próprio” (2;7), [P-12 “e depois, quero saber como eu funciono... como o nosso sistema nervoso funciona, adoro saber isso”].

Outro dos motivos referidos foram os **académicos** (8;17), dado que a maioria de os/as estudantes revelaram que tiveram *cadeiras da Licenciatura com foco na área clínica* (7;11),

[P-10 “...eu tive muitas disciplinas voltadas a isso, praticamente todas... eram clínica e eu tenho muita mais afinidade para essas”]. Outros/as ainda revelaram que fizeram *voluntariado ou outras atividades* e, isso despertou-lhes o gosto por ajudar e o desenvolvimento de algumas características pessoais (2;6), [P-10 “...sou daqueles que tem à vontade para falar... depois de 4 anos, acho que o voluntariado que eu fiz e faço, ajudou-me muito, até na minha rotina pessoal e a melhorar características pessoais para trabalhar como psicólogo clínico, como o facto de eu conseguir colocar-me mais no lugar do outro”].

Por fim, a maioria de os/as estudantes revelaram que a **decisão de seguir a psicologia clínica** (12;19) foi tomada no *Secundário* (5;9), [P-3“eu tive tanta motivação, tanto incentivo das pessoas que estavam à minha volta, porque viam o meu sonho...e então seguir este curso começou a soar cada vez mais na minha cabeça, por volta do 10º ou 11º”], como na *Licenciatura* (6;8), [P-2 “sim foi há cerca de 1 ou 2 meses que eu pensei nesta opção”] e no *Terceiro ciclo* (2;2) [P-5 comecei a querer seguir psicologia clínica no 9º ano].

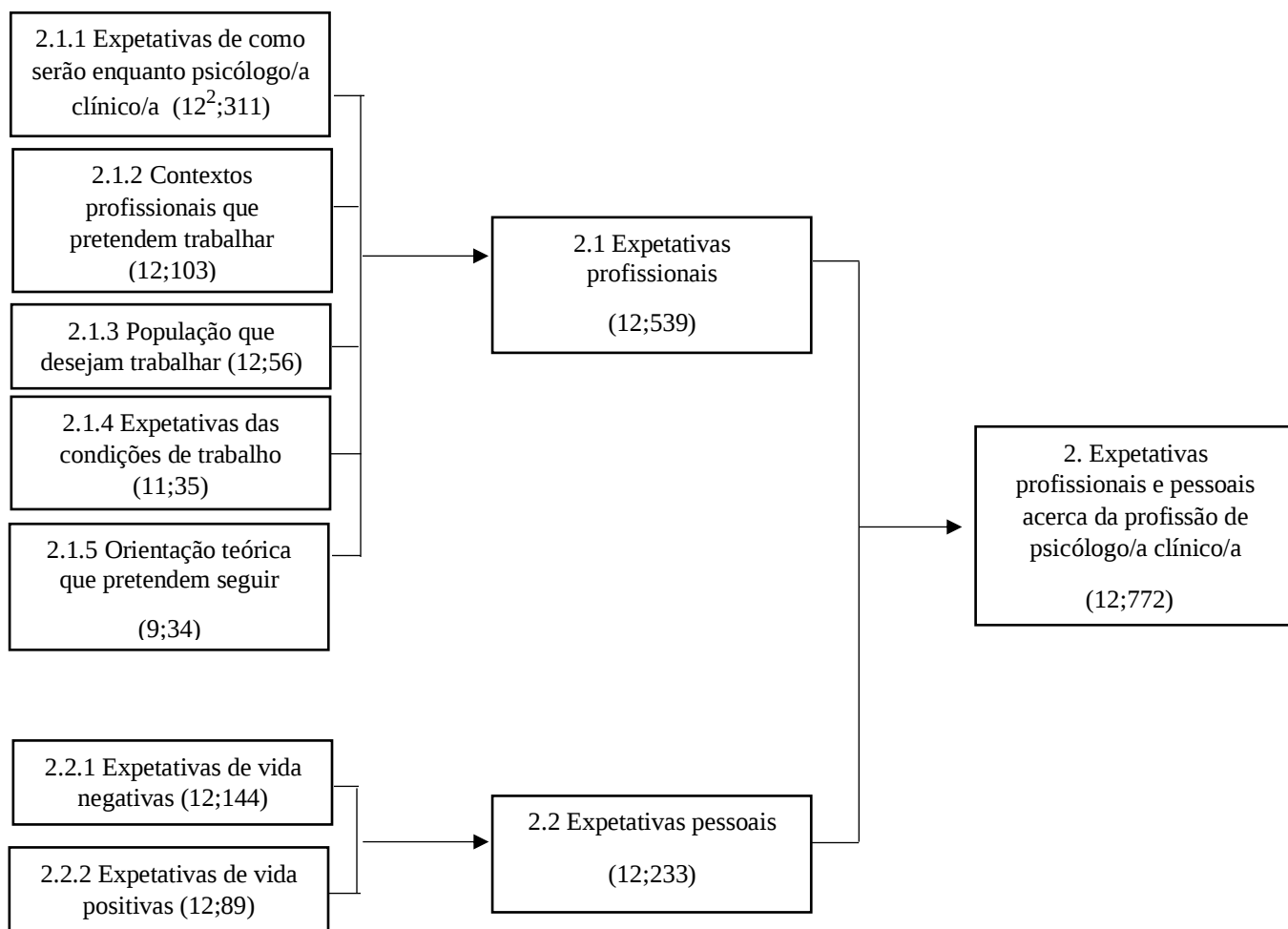


Figura 2. Mapa temático acerca das “Expetativas profissionais e pessoais acerca da profissão como psicólogo/a clínico/a”

4.2 Quais são as expetativas de os/as estudantes de psicologia relativamente à prática clínica?

As expetativas profissionais foram o principal tema identificado, integrando 5 subtemas— expetativas de como serão enquanto psicólogos/as clínicos/as, contextos profissionais que pretendem trabalhar, população com quem desejam trabalhar, expetativas das condições de trabalho e a orientação teórica que pretendem seguir (cf. Figura 2). O segundo tema mais referenciado, foram as expetativas pessoais, que integra 2 subtemas – expetativas de vida negativas e as expetativas de vida positivas.

No que se refere as **expetativas profissionais**, surgem as *expetativas de como serão enquanto psicólogos/as clínicos/as*. Neste subtema, é de se notar a categoria “terem o propósito de ajudar as pessoas” (11;85), [P-4 “... até porque eu entrei com o objetivo de ajudar as pessoas a resolverem os seus problemas”].

Além disso, tem o ideal de “darem o mais possível de si como (futuros) profissionais” (10;28), [P-6 “... quero dedicar-me a 100% à minha profissão, para ajudar sempre quem precisa...”]. Também idealizam conseguir “estabelecer boas relações terapêuticas/um bom processo terapêutico” com os/as seus/suas futuros/as clientes (8;20), [P-11 “quero conseguir estabelecer aquela ligação com o outro, a chamada aliança terapêutica,... o foco deve ser principalmente no doente...”]. A par disto, também desejam “ganhar experiência ou nome na área da psicologia clínica” (5;11), [P-9 “...ter algum prestígio, no sentido de entenderem que eu sou um bom profissional...”].

Alguns/algumas estudantes referem querer “estar em constante atualização através de formações/especializações” (3;10), [P-1 “... ao nível das formações, acho que uma pessoa que quer entrar numa determinada área, tem que se ir atualizando...”]. Outros/as desejam sentir-se “realizados a nível profissional” (4;4), [P-1 “...espero que seja incandescente, começar por baixo e depois chegar ao patamar em que tu dizes que já “sou alguém”... que consegui coisas importantes dentro da área...”].

Seguidamente, os/as estudantes revelaram os *contextos profissionais que desejam trabalhar*, sendo o mais referido o “contexto hospitalar” (10;43), [P-3 “... eu entrei para este curso, com o fascínio dos hospitais e de querer trabalhar como psicólogo num hospital...”]. De seguida, referiram o gosto por “trabalhar numa clínica” (10;29), [P-4 “Eu vejo-me mais a trabalhar em clínicas...”]. Alguns/algumas também idealizam “ter a sua própria clínica/consultório de psicologia” (7;15), [P-3 “... ter a minha própria clínica, ter o meu próprio consultório, acho que aí seria o topo dos topos...”].

Outra das expectativas mais abordadas pelos/as estudantes foi *a população que desejam trabalhar* (12;55), sendo que alguns/algumas estudantes revelaram mais que um tipo de população como foco. A população mais referida foram “as crianças” (8;23) [P-3 “... gostava muito de trabalhar com crianças, porque acho que vou conseguir estabelecer melhor a relação com estas idades do que com pessoas mais velhas...”]. Seguindo-se os “adultos” (7;16), [P-7 “...eu identifico-me com a psicologia clínica dos adultos porque acho que conseguiria ajudar de forma mais próxima um adulto, poderia usar uma abordagem mais reflexiva e objetiva...”]. Outros/as, antecipam gostar de trabalhar com adolescentes (6;10), [P-10 “... a adolescência, por ser um pouco de tudo, por poder ter várias experiências diferentes com eles...”]. Alguns/algumas, ainda referiram gostar de trabalhar com “jovens-adultos” (3;5) [P-5 “... gostava de trabalhar com jovens-adultos porque não quero ir para aquela parte dos idosos ou crianças, quero ficar ali no meio...”] e por fim, apenas um/uma

estudante referiu querer trabalhar com “os idosos” (1;2), [P-3 “... a parte dos idosos também gostaria muito...”].

Posteriormente, a expectativa mais referenciada foi a *orientação teórica que pretendem seguir*, onde a abordagem mais referida foi a cognitiva-comportamental (7;13), [P-10 “...é a abordagem que eu tive no meu processo terapêutico, mas não a escolheria só porque eu a tive..., quero seguir a teoria cognitiva-comportamental, porque me encanta e me encantaria de todo o jeito..., porque impulsiona a pessoa a descobrir o motivo do seu problema, e a solução...”]. Em seguida, referiram o modelo teórico psicanalítico (3;11), [P-2 “... a teoria psicanalítica, talvez por agora ser algo que eu estou a estudar mais um bocadinho e por ser mais dinâmica...”].

Por fim, referem as *expectativas das condições de trabalho*, onde a maioria de os/as estudantes antecipam querer “trabalhar com uma equipa multidisciplinar” (7;12), [P-11 “...com uma equipa multidisciplinar... uma mistura de vários profissionais, para conseguir satisfazer as necessidades da população no geral...”]. Também referiram que gostariam de trabalhar num “ambiente de trabalho seguro e que cumpra os requisitos de privacidade dos/as clientes” (3;9) [P-11 “...gostava de ter um armário com chave ou cadeado, para manter mesmo a privacidade dos dados do cliente...”]. Outros/as “esperam ter boas condições de trabalho” (5;6), [P-4 “... espero que sejam as melhores possíveis, pelo menos que os colegas de trabalho sejam simpáticos, que seja um ambiente de trabalho tranquilo, onde as pessoas se deem bem...”].

O segundo tema mais referenciado foram as **expectativas pessoais**, onde os/as estudantes centraram o seu relato mais nas expectativas de vida negativas do que nas positivas. No que se refere às *expectativas de vida negativas*, referem os “problemas decorrentes da profissão”, que os podem afetar a nível pessoal (12;77). Dentro destes problemas, foi revelado que podem ter “dificuldade de desligar das histórias ou problemas dos/as clientes” (10;34), [P-6 “...tenho muita necessidade de cuidar e se calhar isso não me vai ajudar tanto, porque vou pensar muito nisso e depois vou acabar por trazer isso para casa...”]. Outros/as revelaram poder ter “sentimentos de incapacidade no início da profissão” (9;30), [P-11 “...o facto de eu não confiar assim tanto nas minhas capacidades acaba por ser um entrave a nível pessoal, porque acabo por não valorizar tanto aquilo que eu consigo fazer...”] e também têm “receio de não conseguirem emprego/ingressar na área” (5;13), [P-5 “...a coisa que eu realmente tenho mais medo..., é de não conseguir ingressar na área ou de não conseguir ser psicólogo].

Posteriormente, os/as estudantes referiam a “resolução dos possíveis obstáculos profissionais” (12;67), referindo maioritariamente que iriam tentar utilizar “estratégias pessoais para descomprimirem das consultas” (8;28), [P-11 “...uma professora partilhou que tinha essa dificuldade, de desligamento. Então, antes de ir para casa, dá uma volta de carro perto da praia..., ou seja, ela dedicava aquele tempo à assimilação de pensamento e só depois ia para casa... eu considero uma estratégia eficaz e que vou poder usar...”]. Também referiram como estratégias a meditação ou o *mindfulness*, [P-7 “... recorrer à meditação ou à prática do *mindfulness*, será muitas necessário no final de cada sessão para poder fazer o desligamento, voltando a casa e focando a atenção em mim e nos que me rodeiam...”]. Alguns/algumas também abordaram como solução para lidar com questões profissionais/pessoais, terem de “recorrer a um/uma psicólogo”, (6;13), [P-11 “...obviamente continuar num processo terapêutico, para eu poder diferenciar e não tomar as dores para mim... e eu acho que isso vai ser o meu trabalho eterno...”]. Outra das resoluções mais apontadas foi “com a experiência e com as aprendizagens adquiridas”, conseguir solucionar estes possíveis problemas (5;10), [P-1 “... o que eu posso fazer é aprender com o que falhou com esse cliente e tentar num próximo cliente, numa situação semelhante, fazer algo diferente para melhorar a minha prática clínica...”].

Em contrapartida, os/as estudantes também referiram as *expetativas de vida positivas* que antecipam vir a ter, como o facto de quererem “ter estabilidade no campo financeiro” (10;34), [P-11 “... que pense no meu salário e consiga atribuir significado, porque eu realmente mereço-o, porque trabalhei para isso e ajudei as pessoas...”]. Alguns/algumas também esperam conseguir adquirir “muitas aprendizagens/enriquecimento pessoal ou profissional” (9;27), [P-3 “...eu tenho uma professora que nos diz sempre que acha que os pacientes acabam por nos dar mais a nós do que nós a eles,... e eu acredito que isso seja verdade. Nós vamos aprender muito com os nossos clientes, porque são casos diários diferentes e é impossível não retirarmos um pouco que seja disso, para crescermos e evoluirmos a nível pessoal...”]. Outros/as também querem “ter qualidade de vida” não se focando apenas no trabalho (9;23), [P-5 “...muitas vezes focamo-nos demasiado no trabalho, ganhamos bem mas não temos qualidade de vida, porque é trabalho, casa, casa trabalho e chegamos ao ponto em que a nossa cabeça já não dá mais. Então é por isso que eu quero viver numa cidade calma, para poder ter qualidade de vida...”].

5. Discussão

No presente estudo procurou-se identificar e compreender as motivações que levam os/as estudantes de psicologia a quererem seguir a psicologia clínica e a serem psicólogos/as clínicos/as, bem como as suas expetativas.

No âmbito das motivações, verificou-se que as experiências prévias são referenciadas como a principal motivação, principalmente o facto de terem passado (ou alguém próximo) por um processo terapêutico, seja essa experiência positiva ou negativa. Este resultado vai ao encontro dos estudos, que indicam que mais de metade de os/as estudantes e/ou profissionais relatam ter passado por “processos terapêuticos positivos” (Hill et al., 2013; McBeath, 2019) e que isso os fez prosseguir na sua escolha de seguirem a psicologia clínica (Henry et al., 1971, 1973).

Os resultados parecem indicar a importância da experiência da terapia na escolha pela psicologia clínica, fazendo os/as estudantes terem maior consciência da importância e impacto da profissão, bem como do seu papel enquanto (futuros/as) psicólogos/as (Norcross et al., 1998). Por outro lado, as experiências prévias, como o processo terapêutico negativo, faz com que os/as estudantes procurem ser psicólogos/as clínicos/as, para poderem proporcionar melhores tratamentos aos/às clientes. O mesmo é indicado pelo estudo de Hill et al. (2013), que refere que os/as profissionais que passaram por processos terapêuticos negativos, optaram por prosseguir com a formação em psicoterapia para poderem proporcionar melhores resultados no processo terapêutico dos/às seus/suas clientes.

Relativamente à influência do círculo social na escolha de os/as estudantes como outra fonte de motivação, revelou que os/as familiares dos/as mesmos/as tiveram um papel preponderante, dado que os encorajaram e deram suporte emocional sempre que precisaram. Outras pessoas igualmente importantes na escolha e suporte da decisão de seguirem a psicologia clínica foram as pessoas próximas ou pares, onde os/as estudantes revelaram que assumiram o papel de conselheiros/as dos/as mesmos/as, em várias situações complicadas (e.g., perturbações psicológicas ou momentos de vida difíceis). Quando analisada a literatura, conseguimos entender que, tal como no presente estudo, a família influenciou a forma como os/as participantes se percebem (ajudantes natos), procurando ir ao encontro dessas expetativas. (Farber et al., 2005; Merodoulaki, 1994). Além disso, também nos indica que as pessoas importantes para os/as profissionais sempre os motivaram a seguir esta

profissão, por os/as mesmos tentarem sempre ajudar todos aqueles/aquelas que os/as rodeavam (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013).

No que tange as competências adquiridas pelas vivências pessoais, alguns/algumas estudantes passaram por vivências negativas ao longo das suas vidas, mas concluíram que as mesmas foram experiências que os/as fizeram desenvolver competências relacionais. Esta ideia pode ser corroborada com os estudos de McBeath (2019) e Norcross e Farber (2005), na medida em que os/as participantes dos estudos revelaram que a bagagem (emocional) que adquiriram por terem passado por vivências negativas, faz com que consigam entender de forma mais consciente e empática o que o/a outro/a está a sentir. Assim sendo, conseguem ajudar mais prontamente os/as seus/as clientes, sendo assim vistos/as como “curadores/as feridos/as” (Elliott & Guy, 1993; Farber et al., 2005; McBeath, 2019).

Ao longo das suas vidas, alguns/algumas estudantes do presente estudo sempre tiveram muito apoio familiar e de outras pessoas importantes e, por isso pretendem, na sua prática futura, retribuir o que receberam de positivo. Este é, então, um aspeto que vai ao encontro da literatura, dado que, de acordo com Dlugos e Friedlander (2001) e Hill et al. (2013), os/as participantes dos seus estudos revelaram que, por terem tido um grande suporte de pessoas importantes (família e amigos), acham que são pessoas com sorte e por isso querem retribuir tudo o que de bom receberam ao longo das suas vidas aos/às seus/suas clientes. Alguns/algumas estudantes revelaram que o facto de terem vivenciado problemas pessoais e terem tido boas experiências nos seus processos terapêuticos, fez com que conseguissem ultrapassar as suas situações problemáticas. Também, fez com que entendessem a importância que a clínica pode ter nas suas vidas e dos/as seus/suas futuros/as clientes. Isto foi indicado por Hill et al. (2013) e McBeath (2019), pois os/as psicoterapeutas referiram que o facto de terem experienciado um processo terapêutico fez com que evoluíssem enquanto pessoas e melhor entendessem a importância de ajudar o/a outro/a, dado que também passaram por situações de vidas difíceis.

Relativamente à importância das características pessoais adequadas, todos/as os/as alunos/as abordaram esta questão como fonte de motivação para seguirem a clínica, dado que consideram ter características relacionais importantes, como o facto de serem confiáveis, respeitosos/as, gostarem de ouvir o/a outro/a, terem mente aberta e empatia. Estas ideias corroboram os estudos na medida em que muitos/as dos/as psicoterapeutas conseguem desenvolver a relação terapêutica através das suas motivações altruístas, utilizando sempre o respeito, empatia e escuta ativa (Hill et al., 2013; McBeath, 2019; Rogers, 1961).

No que se refere ao facto de alguns/algumas estudantes referirem que a área clínica se adequa a si e à sua personalidade, esta ideia vai ao encontro dos estudos, na medida em que a futura profissão pode dar sentido às suas vidas. Isto porque a psicologia clínica tende a ajustar-se às características de personalidade da maioria dos/as profissionais, por terem motivações altruístas, como o facto de terem o gosto de ajudar o/a outro/a (Barnett, 2007; Hill et al., 2013; Messina et al., 2018).

No que concerne ao gosto pela área clínica, os/as estudantes referiram a abrangência da área como uma possibilidade de obterem mais oportunidades de emprego. Tal pode ser explicado pelo facto de as universidades tenderem a apostar mais na área da psicologia clínica e também pela construção social em torno do psicólogo clínico/psicoterapeuta como indicador de estatuto (Carlsson et al., 2011). Além disso, alguns/algumas alunos/as referem que escolheram a psicologia clínica logo como primeira opção e que gostariam de seguir o curso desde o secundário. Segundo Hill et al. (2013), muitos/as dos/as psicoterapeutas indicaram o desejo de seguirem a psicoterapia desde o secundário.

Relativamente ao facto de os/as estudantes revelarem o interesse de entender a mente ou o interior das pessoas e de si próprio/a não foi um aspeto com grande destaque no presente estudo. Em oposição a isto, na literatura, este aspeto tende a ter relevância, dado que no estudo de Hill et al. (2013) e Messina et al. (2018), quase todos/as os/as psicoterapeutas revelaram orientar-se por um grande interesse intelectual pela psicoterapia, pelo desejo de entenderem os/as outros/as e a si mesmos/as, bem como por se ajudarem a si próprios/as a ultrapassar situações anteriores difíceis.

De seguida, foram abordadas as motivações que resultaram das experiências académicas, sendo a maior motivação referida o facto de terem tido cadeiras da Licenciatura com foco na área clínica. O que corrobora o estudo de Hill et al. (2013), dado que muitos/as psicoterapeutas começam a idealizar trabalhar na parte clínica durante a Licenciatura de Psicologia, dado o seu foco clínico. Em menor número, os/as estudantes referiram que o facto de terem realizado voluntariado ou outras atividades, despertou-lhes o interesse por quererem ajudar os/as outros/as e desenvolveu-lhes algumas características pessoais (e.g., empatia). O que não vai ao encontro dos estudos de Hill et al. (2013) e Messina et al. (2018), dado que a maioria dos/as participantes que realizaram estas atividades abordam as mesmas como experiências positivas, dado que conseguiram desenvolver ainda mais o espírito de entreajuda.

Respondendo à subquestão: Quais as motivações profissionais e pessoais que influenciam os/as estudantes de psicologia a desejarem ser psicólogos/as clínicos/as?

Podemos concluir que as motivações mais referidas pelos/pelas estudantes são as experiências prévias e o facto de a maioria de os/as estudantes terem passado por um processo terapêutico deu-lhes motivação para seguir o curso. Além disso, referem a percepção de que têm características pessoais adequadas (e.g., competências relacionais- empatia e força de vontade) para o exercício da psicologia clínica e o círculo social (e.g., familiares, amigos, professores/as ou psicólogos/as), também como principais motivações para a escolha da psicologia clínica.

No que diz respeito às expectativas, os/as estudantes realçaram maioritariamente as expectativas profissionais e decorrentes das mesmas. Surgem em destaque as expectativas de como serão enquanto psicólogos/as clínicos/as, onde a maioria de os/as estudantes refere ter o propósito de ajudar as pessoas. Segundo Hill et al. (2013) e Messina et al. (2018), muitos/as dos/as psicoterapeutas revelaram que é gratificante e motivador, ao longo do processo terapêutico, poder ajudar na mudança dos/as clientes e 22,96% dos/as terapeutas referem ter escolhido o curso por esse mesmo motivo (Messina et al., 2018).

A maioria de os/as estudantes idealiza dedicar-se o mais possível à sua profissão, o que vai ao encontro da literatura, no sentido de quererem ser responsáveis e proporcionar o melhor tratamento possível aos/às seus/as futuros/as clientes (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013). A par disto, surge o facto de quererem estar em constante atualização através de formações/especializações, com poucas referências. O que não corrobora os estudos (e.g., Carlsson et al., 2011; Murphy & Halgin, 1995; Norcross & Farber, 2005), dado que, a maioria dos/as participantes idealiza quererem estar em constante atualização científica, para aprimorarem a sua prática clínica e para alcançarem uma boa posição profissional.

No que se refere ao contexto em que os/as estudantes desejam trabalhar, os/as mesmos/as referiram o contexto hospitalar, o que não tende a acontecer nos contextos de trabalho, dado que a maioria dos estudos revela que os/as terapeutas tendem a começar a trabalhar em clínicas (Caputo et al., 2021; McBeath, 2019; Messina et al., 2018). Para além disso, alguns/algumas dos/as alunos/as desejam ter a sua própria clínica ou consultório de psicologia. Estas ideias vão ao encontro do estudo de Safi et al. (2016), na medida em que os/as participantes referiram o desejo de quererem obter estabilidade na área da psicoterapia, para posteriormente conseguirem abrir uma clínica.

Seguidamente, a expectativa mais referida foi a orientação teórica que os/as estudantes pretendem seguir, sendo que a mais referida foi (7) a terapia cognitivo-comportamental. De seguida, a psicanalítica, com menos relevância (3) e nesta parte foi importante entender-se qual a localização geográfica dos/as participantes. Observou-se que, os/as estudantes do presente estudo que eram das ilhas ou do centro do país tendem a identificar-se mais com a psicanálise. No estudo de Caputo et al. (2021), foi possível verificar que 29,3% dos/as participantes tendem a escolher principalmente a teoria cognitivo-comportamental (TCC) e 26,6% a psicanálise, ou seja, existe pouca diferença nas percentagens das escolhas das orientações teóricas, sendo que no presente estudo a diferença foi mais significativa. Isto parece acontecer, por os/as profissionais, procurem na TCC, estabilidade económica e métodos comprovados pela ciência (Safi et al., 2016).

Relativamente às expectativas das condições de trabalho, a maioria de os/as estudantes espera poder vir a trabalhar numa equipa multidisciplinar, com um ambiente de trabalho harmonioso. O que segundo a literatura é algo que proporciona muitas vantagens, tal como facultar ainda maior qualidade no trabalho prestado, por ser mais fácil gerir o trabalho de cada pessoa. Outro dos motivos é o facto de o trabalho ser repartido e os profissionais terem mais tempo para planear as suas intervenções (Gomes de Pinho, 2006), promovendo, a comunicação entre todos/as os/as membros/as e proporcionando melhores condições de trabalho e entreajuda entre todos/as os/as profissionais (Gomes de Pinho, 2006). Alguns/algumas estudantes também revelaram a expectativa de terem um local de trabalho com privacidade, o que vai ao encontro da literatura, dado que os/as terapeutas tendem a ter o desejo de proporcionar um *setting* terapêutico com a maior privacidade possível para que os/as seus/suas clientes se sintam confiantes e possam partilhar tudo o que desejarem (Hill., 2013; Safi et al., 2016).

No que se refere às expectativas pessoais, surgem, decorrentes das mesmas, as expectativas de vida negativas, como o facto de os/as estudantes anteciparem ter dificuldades de se desligarem das histórias/problemas do/a cliente. Tal é possível denotar-se no estudo de Hill et al. (2013), onde os/as psicoterapeutas antecipam envolver-se demasiado a nível emocional, podendo isso atrapalhar o desenvolvimento do processo terapêutico. Outro dos problemas revelados foi o facto de terem sentimentos de incapacidade no início da profissão. Sendo isto abordado nos estudos, onde os/as profissionais revelaram sentir-se muito autocríticos em relação a si próprios/as e a duvidarem das suas capacidades (Hill et al., 2013;

Norcross & Farber, 2005). Alguns/algumas estudantes também revelaram preocupações como o facto de não conseguirem emprego/ingressar na área. A corroborar isto, Nikendei et al. (2018) refere que a maior parte dos/as profissionais têm a preocupação de poderem ser mal pagos e de não conseguirem arranjar emprego.

No que diz respeito às soluções apresentadas pelos/as estudantes para os problemas decorrentes da futura profissão, a solução mais realçada foi o facto de poderem resolver os problemas utilizando estratégias pessoais (e.g., irão refletir e aprender a deixar os problemas dos/as clientes no consultório). Estes aspetos vão ao encontro do que é referido por Dlugos e Friedlander (2001) e McBeath (2019), na medida em que, ao analisarem as estratégias mais adequadas a si para a resolução de problemas, conseguem tornar-se melhor adaptados/as ao seu trabalho, conseguindo refletir de forma mais eficaz e ponderada e estabelecendo limites entre as suas vidas pessoais e profissionais. Outra das estratégias reveladas pelos/as estudantes foi a utilização da meditação ou do *mindfulness* para se focarem no presente. Onde segundo Dumas (2005), o *mindfulness* ajuda a focar-se no momento presente e a deixar de lado outros pensamentos. Assim, as pessoas conseguem autorregular-se a nível emocional com maior facilidade.

Outra solução muito referenciada por alguns/algumas estudantes foi “terem de recorrer a um/uma psicólogo/a” para os/as ajudar a lidar com as suas emoções e encontrar, com o/a psicólogo/a, estratégias para enfrentar as situações mais problemáticas que poderão acontecer na futura profissão. Esta busca de autoajuda é relatada por Hill et al. (2013) dado que os/as psicoterapeutas tendem a procurar ajuda para lidarem com os seus problemas e para aprenderem a lidar melhor com o stress, resultante da profissão (Nikendei et al., 2018).

Os/as estudantes do presente estudo também abordam, como resolução dos problemas decorrentes da prática futura, “as experiências e as aprendizagens que irão adquirir com o tempo”. Segundo Farber et al. (2005) e Messina et al. (2018), os/as seus/suas participantes referem que todos os anos de estudo/estágio e os anos de trabalho fizeram com que adquirissem muitas aprendizagens práticas e de investigação. Assim sendo, podemos relacionar as expetativas de vida positivas (que será abordado em seguida), onde a maioria de os/as estudantes do presente estudo referem como expetativa futura adquirirem muitas aprendizagens ou enriquecimento pessoal/profissional, através do seu futuro emprego. Tal como é referido na literatura, os/as psicoterapeutas revelaram ter escolhido a sua profissão

por ambicionarem desenvolver-se intelectualmente e interiormente (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013; Rose, 2012).

No que concerne às expetativas de vida positivas, os/as estudantes têm a expetativa de, no futuro, terem estabilidade financeira. Face a isto, alguns estudos relacionaram o facto da psicologia clínica ser uma área muito abrangente ao facto de os/as profissionais poderem ter mais oportunidades de trabalho, levando isto a uma maior estabilidade financeira (Caputo, 2016; Carlsson et al., 2011; Safi et al., 2016). Por fim, foi revelado que os/as estudantes anseiam conseguir ter qualidade de vida e esperam não viver apenas para o trabalho, ou seja, pretendem conseguir ter tempo para a família/amigos e tempo dedicado ao lazer. O que corrobora as ideias de Kramen-Kahn e Hansen (1998) já que psicólogos/as que não trabalhem exaustivamente e procurem obter momentos de lazer, tendem a estar mais satisfeitos/as com os seus empregos, pois desta forma conseguem um maior equilíbrio entre a vida pessoal e profissional.

Respondendo à segunda subquestão: Quais são as expetativas profissionais e pessoais de estudantes de psicologia relativamente à prática clínica?

Podemos concluir que os/as estudantes têm um pensamento autoconfiante em relação ao seu futuro profissional e revelaram como principais expetativas: como serão enquanto psicólogos/as clínicos/as, referindo o propósito de quererem ajudar as pessoas e idealizarem darem o mais possível de si como futuros/as profissionais nos contextos profissionais onde pretendem trabalhar (e.g., o contexto hospitalar e clínicas).

6. Conclusão e considerações finais

Em primeiro lugar, é necessário referir as possíveis implicações e limitações deste estudo. A escassez de estudos que abordam as motivações e expetativas de estudantes universitários/as de psicologia que desejem seguir a psicologia clínica, nomeadamente no contexto português, é quase inexistente, salientando a natureza exploratória deste estudo. Trata-se de um estudo inovador por dar contributo ao conhecimento desta temática.

No que se refere às implicações práticas, trata-se de um estudo que contribui para o conhecimento científico, no âmbito das motivações e expetativas de os/as estudantes universitários/as portugueses, podendo acarretar implicações nas informações disponibilizadas pelas universidades sobre os cursos de psicologia e as suas saídas profissionais (Lebiger-Vogel, 2016; Nikendei et al., 2018). Desta forma, as universidades

podem melhorar a sua proposta de ensino, realizando palestras ou sessões de orientação, para que os/as alunos/as aprofundem ainda mais o seu autoconhecimento e as suas necessidades/inquietações curriculares e motivações/expetativas pessoais ou profissionais (Caputo et al., 2021; Lebiger-Vogel, 2016; Nikendei et al., 2018). Outra implicação importante poderá assentar no desenvolvimento pela Ordem dos Psicólogos Portugueses de uma melhor articulação com os/as alunos/as ao longo dos seus percursos académicos, no sentido de apoiá-los e também de clarificar as suas expetativas profissionais ou pessoais em relação ao futuro profissional, bem como aos seus receios. Assim, poderiam promover *workshops* práticos/palestras para o desenvolvimento de aptidões profissionais/pessoais nos/as alunos/as.

Relativamente às expetativas, a comunidade científica (e.g., universidades, professores/as, psicólogos/as) poderá, com recurso à literatura, confirmar se as expetativas dos/as alunos/as são realistas e prepará-los mais prontamente para o futuro profissional, abordando de forma mais detalhada o que os/as espera (Caputo et al., 2021; Hill et al., 2013; Lebiger-Vogel, 2016; Nikendei et al., 2018).

Da análise dos resultados, é possível concluir-se que a maioria das expetativas de os/as estudantes são realistas e informadas (e.g., Farber et al., 2013; Hill et al., 2013; Nikendei et al., 2018). Também foi possível constatar que os/as estudantes procuram informações junto dos/as seus/suas professores/as ou psicólogos/as sobre o futuro (e.g., práticas terapêuticas que podem adotar/estratégias para lidarem com problemáticas decorrentes da profissão). Face a isto, conseguimos acrescentar um contributo teórico nesta temática, dada a falta de literatura acerca das expetativas de os/as estudantes sobre a sua futura profissão, especialmente no contexto português.

Relativamente ao facto de os/as estudantes anteciparem gerir as expetativas em confronto com a prática, é possível ver-se no tema “resolução dos possíveis obstáculos profissionais” exemplos de como os/as mesmos/as pretendem resolver os seus problemas futuros. Nomeadamente, recorrendo a estratégias de relaxamento, a um/uma psicólogo/a e com a experiência e aprendizagens que irão adquirir ao longo dos anos.

No que se refere às motivações, as experiências prévias (e.g., processo terapêutico e a história familiar), a perceção de que têm as características pessoais adequadas (competências relacionais, empatia e força de vontade) para o exercício da psicologia clínica, e as pessoas significativas (e.g., amigos, família, psicólogos/as ou professores/as), são os principais

fatores de motivação para os/as estudantes escolherem a psicologia clínica, corroborando os resultados da investigação internacional (Hill et al., 2013; McBeath, 2019). Contrariamente ao indicado por outros estudos internacionais, os/as estudantes do presente estudo não referem motivos religiosos para a escolha da psicologia clínica (Farber et al., 2005; Hill et al., 2013).

Por fim, consideramos que se deve desenvolver mais estudos, quer qualitativos quer quantitativos, com mais estudantes portugueses, para desta forma se conhecer mais sobre as suas realidades. Relativamente às limitações do estudo, podemos nomear o facto de termos um número reduzido de homens, o que limita a diversidade dos/as participantes. No entanto, tal reproduz a tendência dos cursos de psicologia, que têm uma percentagem substancialmente superior de raparigas.

Posto isto, no futuro, poderia ser de interesse teórico e de investigação fazer-se um estudo longitudinal, com vista a realizar a mesma entrevista aos/às mesmos/as participantes. Assim, seria possível entender-se do confronto com a realidade e a prática profissional as suas expetativas e motivações se mantiveram ou sofreram alterações e, ainda, se fariam as mesmas escolhas profissionais.

7. Referências bibliográficas

- Ando, H., Cousins, R., & Young, C. (2014) Achieving saturation in thematic analysis: development and refinement of a codebook. *Comprehensive Psychology*, 3(4), 1–7. <https://doi.org/10.2466/03.CP.3.4>
- Barnett, M. (2007). What brings you here? An exploration of the unconscious motivations of those who choose to train and work as psychotherapists and counsellors. *Psychodynamic Practice*, 3, 257–274. <https://doi.org/10.1080/14753630701455796>
- Benjamin, L. T. (2005). A History of Clinical Psychology as a Profession in America (and a Glimpse at Its Future). *Annual Review of Clinical Psychology*, 1(1), 1–30. [10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.143758](https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.143758)
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Caputo, A., Langher, V., Mastrantonio, F., Cescut, A., Vicanolo, F., & Piccinini, N. (2021). Why do Italian psychology graduates dream of becoming psychotherapists? A study on decision-making in undertaking psychotherapy training. *Interdisciplinaria Revista de Psicología y Ciencias Afines*, 38(1), 181–201. <https://doi.org/10.16888/interd.2021.38.1.12>
- Carlsson, J., Norberg, J., Sandell, R., & Schubert, J. (2011). Searching for recognition: The professional development of psychodynamic psychotherapists during training and the first few years after it. *Psychotherapy Research*, 21(2), 141–153. <https://doi.org/10.1080/10503307.2010.506894>
- Dlugos, R. F., & Friedlander, M. L. (2001). Passionately committed psychotherapists: A qualitative study of their experiences. *Professional Psychology: Research and Practice*, 32(3), 298–304. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.32.3.298>
- Duffy, R. D., & Raque-Bogdan, T. L. (2010). The Motivation to Serve Others: Exploring Relations to Career Development. *Journal of Career Assessment*, 18(3), 250–265. <https://doi.org/10.1177/1069072710364791>

- Dumas, J. E. (2005). Mindfulness-Based Parent Training: Strategies to Lessen the Grip of Automaticity in Families With Disruptive Children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 34(4), 779–791. [10.1207/s15374424jccp340420](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp340420)
- Elliott, D. M., & Guy, J. D. (1993). Mental health professionals versus non-mental-health professionals: Childhood trauma and adult functioning. *Professional Psychology: Research and Practice*, 24(1), 83–90. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.24.1.83>
- Farber, B. A., Manevich, I., Metzger, J., & Saypol, E. (2005). Choosing psychotherapy as a career: Why did we cross that road?. *Journal of Clinical Psychology*, 61(8), 1009–1031. <https://doi.org/10.1002/jclp.20174>
- Gergen, K. J. (1994) *Realities and relationships: soundings in social construction*. Harvard University Press.
- Gomes de Pinho, M. C. (2006). Trabalho em equipe de saúde: limites e possibilidades de atuação eficaz. *Ciências & Cognição*, 8, 68-87. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Henry, W.E., Sims, J.H., & Spray, S.L. (1971). *The fifth profession: Becoming a psychotherapist*. Jossey-Bass.
- Henry, W.E., Sims, J.H., & Spray, S.L. (1973). *Public and private lives of psychotherapists*. Jossey-Bass.
- Hill, C. E., Lystrup, A., Kline, K., Gebru, N. M., Birchler, J., Palmer, G., & Pinto-Coelho, K. (2013). Aspiring to become a therapist: Personal strengths and challenges, influences, motivations, and expectations of future psychotherapists. *Counselling Psychology Quarterly*, 26(3-4), 267–293. <https://doi.org/10.1080/09515070.2013.825763>
- Izard, C.E. (1993). Four systems for emotion activation: Cognitive and noncognitive processes. *Psychological Review*, 100(1), 68–90. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.1.68>
- Kramen-Kahn, B., & Hansen, N. D. (1998). Rafting the rapids: Occupational hazards, rewards, and coping strategies of psychotherapists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 29(2), 130–134. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.29.2.130>

- Lebiger-Vogel, J. (2016). German students' current choice of profession in the field of psychotherapy. *The International Journal of Psychoanalysis*, 97(2), 429–450. <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12452>
- McBeath, A. (2019). The motivations of psychotherapists: An in-depth survey. *Counselling and Psychotherapy Research*, 19(4), 377–387. <https://doi.org/10.1002/capr.12225>
- Merodoulaki, G. M. (1994). Early experiences as factors influencing occupational choice in counselling and psychotherapy. *Counselling Psychology Review*, 9(3), 18–39. https://www.academia.edu/29046556/Early_experiences_as_factors_influencing_occupational_choice_in_counselling_and_psychotherapy
- Messina, I., Gelo, O. C., Gullo, S., Sambin, M., Mosconi, A., Fenelli, A., ... & Orlinsky, D. (2018). Personal background, motivation and interpersonal style of psychotherapy trainees having different theoretical orientations: An Italian contribution to an international collaborative study on psychotherapy training. *Counselling and Psychotherapy Research*, 18(3), 299–307. <https://doi.org/10.1002/capr.12176>
- Murphy, R., & Halgin, R. (1995). Influences on the career choice of psychotherapists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 26, 422–426. <http://dx.doi.org/10.1037/0735-7028.26.4.422>
- Nikendei, C., Bents, H., Dinger, U., Huber, J., Schmid, C., Montan, I., Ehrental, JC, Herzog, W., Schauenburg, H., & Safi, A. (2018). Erwartungen psychologischer Psychotherapeuten zu Beginn ihrer Ausbildung: Qualitative Interviewstudie mit Vergleich von Verhaltens- und tiefenpsychologisch fundierter Psychotherapie. *Psychotherapeut*, 63 (6), 445–457. <https://doi.org/10.1007/s00278-018-0312-2>
- Norcross, J. C., & Farber, B. A. (2005). Choosing psychotherapy as a career: Beyond “I want to help people”. *Journal of Clinical Psychology*, 61(8), 939–943. <https://doi.org/10.1002/jclp.20175>
- Norcross, J. C., Strausser-Kirtland, D., & Missar, C. D. (1988). The processes and outcomes of psychotherapists' personal treatment experiences. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 25(1), 36–43. <https://doi.org/10.1037/h0085321>

- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2016). *Código Deontológico*. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/web_cod_deontologico_pt_revisao_2016_1.pdf
- Plchová, R., Hytych, R., Řiháček, T., Roubal, J., & Vybíral, Z. (2016). How do trainees choose their first psychotherapy training? The case of training in psychotherapy integration. *British Journal of Guidance & Counselling*, 44(5), 487–503. <https://doi.org/10.1080/03069885.2016.1213371>
- QSR International Pty Ltd. (2020) NVivo. <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home>
- Rek, I., Ehrental, J.C., Strauss, B.M., Schauenburg, H., Nikendei, C., & Dinger, U. (2018). Attachment styles and interpersonal motives of psychotherapy trainees. *Psychotherapy*, 55(3), 209–215. <https://doi.org/10.1037/pst0000154>
- Rogers, C. R. (1961). *On becoming a person: A therapist's view of psycho- therapy*. Houghton Mifflin.
- Rønnestad, M. H., Orlinsky, D. E., Schröder, T. A., Skovholt, T. M., & Willutzki, U. (2019). The professional development of counsellors and psychotherapists: Implications of empirical studies for supervision, training and practice. *Counselling and Psychotherapy Research*, 19(3), 214–230. <https://doi.org/10.1002/capr.12198>
- Rose, C. (2012). *Self-Awareness and personal development: Resources for psychotherapists and counsellors*. Palgrave Macmillan.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Parker, J. G. (1998). Peer Interactions, Relationships and Groups. In W. Damon, & Eisenberg, N. (Eds.), *Handbook of Child Psychology*, 619–700. Wiley. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0310>
- Safi, A., Bents, H., Dinger, U., Ehrental, J. C., Ackel-Eisnach, K., Herzog, W., Schauenburg, H., & Nikendei, C. (2017). Psychotherapy training: A comparative qualitative study on motivational factors and personal background of psychodynamic and cognitive behavioural psychotherapy candidates. *Journal of Psychotherapy Integration*, 27(2), 186–200. <https://doi.org/10.1037/int0000031>
- Schein, E.H. (1978) *Career Dynamics: Matching Individual and Organizational Needs*. Addison-Wesley Publishing Company, Boston.

- Sim, J., Saunders, B., Waterfield, J., & Kingstone, T. (2018). Can sample size in qualitative research be determined a priori? *International Journal of Social Research Methodology: Theory & Practice*, 21(5), 619–634. <https://doi.org/10.1080/13645579.2018.1454643>
- Strauß, B., & Kohl, S. (2009). *Themen der Ausbildungsforschung in der Psychotherapie*. *Psychotherapeut*, 54(6), 411–426. [10.1007/s00278-009-0710-6](https://doi.org/10.1007/s00278-009-0710-6)
- Vala, J. (1986). A análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, 101-128. Afrontamento.

Anexos

Anexo-1

Termo de Consentimento Informado

Caro/a estudante,

No âmbito da elaboração de uma Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Universidade Lusófona do Porto, está a ser desenvolvido um estudo qualitativo acerca das motivações e expectativas pessoais e profissionais que levam os/as estudantes universitários/as de psicologia a desejarem ser psicólogos/as clínicos/as. Este mesmo estudo foi previamente validado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Universidade Lusófona do Porto.

Para poder participar no estudo precisa ser estudante universitário/a do último ano da Licenciatura em Psicologia (1º Ciclo) ou equiparado; pretender avançar na formação em psicologia clínica, por via do Mestrado ou equiparado; pretender exercer a profissão de psicólogo/a na área clínica no futuro. Serão considerados/as estudantes apenas que residam em Portugal.

Neste sentido, vimos por este meio solicitar a sua participação no nosso trabalho de investigação. Caso aceite participar, terá de responder a um breve questionário sociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada desenvolvida para o propósito específico do estudo, prevendo-se uma duração total da sua participação de aproximadamente 45 a 60 minutos. É relevante reforçar que não existem respostas certas, nem erradas e que todas serão anónimas e confidenciais.

Comprometemo-nos a armazenar e a manusear todos os dados recolhidos de forma eticamente responsável, cumprindo com as diretrizes regulamentares de proteção de dados e de condução de investigação em psicologia da CEDIC e da OPP.

A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento, se assim o entender. Não existe qualquer implicação decorrente da sua eventual desistência.

A sua colaboração é muito importante! Desde já, obrigada pela sua participação!

Eu, _____, depois de informado/a,
declaro que aceito participar neste estudo.

_____, ____/____/____

Em caso de dúvida, sei que poderei contatar a investigadora do estudo através dos seguintes endereços eletrónicos: a22001255@mso365.ulp.pt ou lucianaanjós348@gmail.com.

Anexo-2

Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

2º Ciclo em Psicologia e da Saúde

2021/2022

Questionário Sociodemográfico

Data de nascimento: _____

Género: Feminino ☐ Masculino ☐ Outro ☐

Nacionalidade: Portuguesa Outra: _____

Naturalidade: _____

Tens alguma relação amorosa? _____

Se sim, de que tipo? _____

Há quantos anos dura? _____

Onde vives? (concelho) _____

Em tempo de aulas vives na tua casa habitual? _____

Se não, com que frequência vais a casa? _____

Tiveste de alugar casa? Onde? _____

Instituição de ensino: _____

Tens alguma formação superior prévia à de psicologia? _____

Habilitações académicas (último ano de ensino concluído):

1º ano Licenciatura ☐ 2º ano Licenciatura ☐ 3º ano Licenciatura ☐

Reprovaste algum ano? Se sim, qual?

Trabalhas? Se sim, em quê?

Com quem vives (em tempo de aulas versus tempo de paragens letivas)?

Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

2º Ciclo em Psicologia e da Saúde

2021/2022

Habilitações literárias das pessoas com quem vives?

Profissão das pessoas com quem vives:

Pessoa 1 _____

4º ano ☐ 6º ano ☐ 9ºano ☐ 12ºano ☐

Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento ☐

Pessoa 2 _____

4º ano ☐ 6º ano ☐ 9ºano ☐ 12ºano ☐

Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento ☐

Pessoa 3 _____

4º ano ☐ 6º ano ☐ 9ºano ☐ 12ºano ☐

Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento ☐

Pessoa 4 _____

4º ano ☐ 6º ano ☐ 9ºano ☐ 12ºano ☐

Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento ☐

Anexo-3

Guião de Entrevista “Quero ser psicólogo/a clínico/a: Motivações e expetativas de estudantes universitários/as de Psicologia”

Anjos e Pinto (2022)

Nota introdutória

A presente entrevista foi desenvolvida a partir do tema “Motivações e expetativas profissionais e pessoais de estudantes universitários/as de Psicologia”. Face a isto, pretendemos compreender que motivações e expetativas profissionais e pessoais levam os/as estudantes universitários/as de Psicologia a desejarem ser psicólogos/as clínicos/as.

É importante ressaltar que não existem respostas certas nem erradas. O que pretendemos é entender a tua vivência pessoal ao longo do teu percurso académico e as tuas motivações e expetativas para o futuro. Não te preocupes, que durante a entrevista vou orientar-te. A entrevista terá a duração aproximada de 45 a 60 minutos.

Gostaria também de referir que só precisas de partilhar comigo aquilo que entenderes. O que partilhares será absolutamente confidencial.

Antes de darmos início à entrevista, tens alguma questão ou dúvida que queiras esclarecer?

Desde já, obrigada pela tua colaboração.

Questões iniciais

Nesta parte inicial da entrevista, gostaria de te fazer algumas questões sobre a tua opção pelo curso de psicologia.

1. Quando é que te lembras de teres pensado, pela primeira vez, em estudar psicologia?
2. Como é que essa possibilidade surgiu na tua mente?
3. Para além da psicologia, chegaste a considerar outras possibilidades?

3.1 Se sim, qual/quais?

4. O que te motivou a seguir psicologia e não (a opção referida na questão anterior)?

Questões específicas

Agora, gostaria de te fazer algumas questões sobre as tuas motivações e vivências académicas.

Grupo 1.

1. O que te motivou a escolher a Universidade que frequentas?
 - 1.1 Se fosse hoje, terias optado pela mesma Universidade?
 - 1.1.1 Porquê?
 - 1.2 Como foi o teu processo de adaptação à Universidade?
 - 1.3 Como tem sido a tua vivência académica? **(e.g., rotina diária; se consegue conciliar todas as tarefas; relações com professores/as, colegas e outras figuras dentro da Universidade).**

Grupo 2.

2. Em relação ao curso, como tem sido para ti?
 - 2.1 Em que medida é que as expetativas que tinhas em relação ao teu curso, têm sido correspondidas?
 - 2.2 Como avalias o teu desempenho académico?
 - 2.3 Se fosse hoje, terias optado pelo mesmo curso?
 - 2.3.1 Porquê?

Grupo 3.

3. No contexto da psicologia, quando é que te lembras de ter pensado, pela primeira vez, em seguir psicologia clínica?
 - 3.1. O que te motiva para essa área da psicologia em específico?
 - 3.1.1. Houve algum acontecimento ou experiência na tua vida que tenha contribuído para o que queres ser atualmente? **(seja na infância ou adolescência)**

3.1.1.1 Se sim, podes falar-me um pouco sobre isso?

3.1.2. Houve alguém na tua vida que tenha contribuído para a tua tomada de decisão? **(e.g., pessoas significativas, pessoas da área de psicologia)**

3.1.2.1. Se sim, podes falar-me um pouco sobre isso?

3.1.3. Pensando em ti próprio/a, achas que as tuas características pessoais podem ter contribuído para a tua tomada de decisão ou não?

3.1.4. Alguma vez fizeste psicoterapia ou tiveste algum outro tipo de acompanhamento psicológico?

3.1.4.1 Se sim, como é que achas que esse processo pode ter influenciado/não a tua escolha?

3.2 Para além da psicologia clínica, chegaste a considerar outras possibilidades?

3.2.1 Se sim, quais?

3.3 O que te motivou a seguir psicologia clínica e não ...?

Grupo 4.

4.1 Assumindo que concluirás, com sucesso, a tua formação em psicologia clínica, quais são os teus objetivos profissionais para o futuro?

4.1.1 Em que contexto pretendes trabalhar na área clínica?

4.2 Com que população pretendes trabalhar?

4.3 Já tens alguma ideia de que orientação teórica seguir?

4.3.1 Se sim, qual?

4.3.2 Que tipo de condições de trabalho esperas vir a ter?

4.2.3 E de vida?

4.4 Que obstáculos antecipas enfrentar com a tua futura profissão?

4.4.1 Como pensas ultrapassar esses obstáculos?

4.5 Que tipo de psicólogo/a achas que serás?

4.6 Que impacto achas que ser psicólogo/a terá na tua vida pessoal?

4.7 Que estratégias pensas utilizar para gerir esse impacto?

4.8 Por outro lado, que impacto é que achas que a tua história e características pessoais poderão interferir na tua profissão enquanto psicólogo/a?

4.9 Como pensas gerir esse impacto?

Questões Finais

Numa palavra ou expressão, como resumirias até aqui a tua experiência académica em psicologia?

1. Se fosse hoje, farias algo diferente no teu percurso académico?

2. Que conselhos darias para quem quer iniciar o seu percurso académico em psicologia?

3. Numa palavra ou frase, como achas que será o teu futuro profissional e pessoal?

4. Há alguma coisa que eu não te tenha perguntado ou que não tenhas referido, que consideres importante acrescentar?

Assim sendo, acabamos a nossa entrevista. Quero agradecer-te muito pela tua participação e, em breve, dar-te-ei novidades do meu estudo!

Anexo-4

Participante	Idade	Género	Nacionalidade	Habilitações académicas
1	23	Masculino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
2	23	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
3	19	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
4	24	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
5	20	Feminino	Portuguesa	1º ano da Licenciatura, atualmente no 2º ano
6	22	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
7	24	Feminino	Brasileira	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
8	20	Feminino	Portuguesa	1º ano da Licenciatura, atualmente no 2º ano
9	21	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
10	23	Masculino	Brasileira	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano
11	21	Feminino	Portuguesa	2º ano da Licenciatura, atualmente no 3º ano

12	20	Feminino	Portuguesa	1º ano da Licenciatura, atualmente no 2º ano
----	----	----------	------------	---

Tabela 1. Caracterização dos/as participantes